

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Tribuna de Roraima

Class.: 685

Data: 15.04.88

Pg.: \_\_\_\_\_

**O fim dos tempos**

Emocionada, quase chorando, a religiosa Florença Águida Lindey, veio ter à redação deste jornal carregando consigo as provas de um trabalho que poucos brasileiros - e até mesmo estrangeiros - conseguiram fazer melhor, do que essa humilde alma que, um dia, escolheu o amor pela humanidade como projeto de vida ao entrar para a Ordem da Consolata. Filha de uma extensa e tradicional família do Território, carregando no corpo e na alma as marcas de uma longa, sinuosa e difícil caminhada, ela, com toda a sua simplicidade, fez desfilar fotos de anônimos yanomamis que acolheu sob sua guarda, oferecendo seu colo, seus braços e seu coração para que, um dia, pudessem ter a certeza de que não viveram em vão.

Este jornal jamais compatuou com determinadas atitudes da Igreja e de alguns de seus membros, entendendo que não era correta - como ainda entende como falha - a linha de conduta escolhida para isolar da civilização índios que, fatalmente, um dia teriam que se defrontar com a presença do não índio em suas terras. Essa é a marcha irreversível da civilização e embora esteja também eivada de erros de conduta, jamais será breçada, interrompida, estagnada. Assim foi em tempos imemoriais e assim o será para todo o sempre. Com todos os infelizmente que possam caber nas exclamações de indignação cada vez que um problema ocorrer em razão desse processo.

O que a TRIBUNA DE RORAIMA sempre pregou foi um trabalho de profundidade, científico, social e até mesmo moral para que os que estão envolvidos na questão, da Igreja aos pioneiros, passando pelas autoridades, não venham a provocar um outro genocídio a exemplo do que já registra a história de várias nações, entre elas o Brasil. Por que defender a integração das ações? Simplesmente porque, se elas forem deflagradas isoladamente, poderão causar danos irreparáveis. Ainda que estejam recheadas de boas intenções, como ocorre com a conduta da Igreja.

Por outro lado, sabe-se que a Funai não tem, hoje, a mínima estrutura para cumprir seu papel de tuteladora dos povos indígenas. Nem ela e nem ninguém. Assim, quando uma ação como a que foi praticada na Missão Catrimani é desencadeada, os resultados só podem acabar no que deu. Abuso de autoridade, medidas arbitrárias na defesa de normas, regulamentos e ordens, enfim um leque de atitudes que só resulta em prejuízos para todos e desgaste para quem tem na mão o poder de decisão.

O que foi feito no Catrimani só pode ter sido irracionalidade. Quem conhece o trabalho dos religiosos naquele recanto do paraíso amazônico, mesmo que tenha restrições ao comportamento da Igreja como um todo, há de convir: não se pode, impunemente, destruir um patrimônio que foi construído ao elevado custo de sangue, suor e lágrimas. Quem, desses abusados defensores da lei que assaltaram a missão, já carregou uma pedra sequer, já permaneceu isolado meses a fio, conviveu com os índios e aprendeu algo com eles para construir alguma coisa que viesse resultar em seu benefício? Tal qual a figura da mitologia grega, teríamos que sair de lanterna na mão à procura desse alguém que possa garantir: eu fiz.

Não se trata aqui de defender individualmente a irmã Florença, seu trabalho, sua vida. Temos de convir que o que há a defender é o sentimento moral que leva pessoas como ela, abandonando todo o conforto de uma cidade, a embrenhar-se na selva para dedicar sua vida a seres que jamais lhe darão qualquer compensação material, embora ganhe com isso um reconhecimento que pouco cristão haverá de alcançar em tempos como os nossos: as graças de Deus. Há que se defender a honra, a honestidade, a dedicação, o esforço, a retidão de caráter, alguns valores que a humanidade vem desprezando e que algumas gerações já nem conhecem mais. Há que defender apenas e tão-somente o amor ao próximo. Sem ele a humanidade não mais existirá. Sem ele será o fim dos tempos.